

Nota do Editor

O alemão Georg Simmel (1858-1918) pertence à geração de intelectuais que estabeleceu a sociologia como disciplina acadêmica. Assim como Karl Marx, seu antecessor, e Émile Durkheim, Vilfredo Pareto, Ferdinand Tönnies e Max Weber, seus contemporâneos, sua obra sociológica descreve e tenta compreender o impacto das mutações trazidas pela modernidade, com o aprofundamento da divisão social do trabalho, a urbanização e a ampla predominância da economia monetária.

Professor nas universidades de Berlim e de Estrasburgo, Simmel teve interesses intelectuais muito vastos, com incursões sistemáticas, sempre originais, pela filosofia, a história da arte e outras áreas. Deixou grande número de ensaios.

Em 1906, realizou este ciclo de conferências sobre Schopenhauer e Nietzsche, publicado pela primeira vez em Leipzig no ano seguinte. Como escreveu no Prefácio, pretendia “oferecer uma contribuição à história geral do espírito e à compreensão do significado permanente dos dois filósofos”. Por isso, não lhe interessavam os aspectos biográficos de cada um, mas o núcleo das respectivas obras.

É crescente a importância do Autor e dos dois pensadores que ele analisa tão profundamente aqui, o que justifica o nosso esforço para oferecer ao público leitor de língua portuguesa a primeira tradução deste trabalho.

O EDITOR

Prefácio

Quem se propõe a apresentar ideias de Schopenhauer e de Nietzsche enfrenta dificuldades opostas. Schopenhauer é um escritor claro. Ao contrário do que ocorre com Platão e Spinoza, com Kant e Hegel, sua maneira de pensar e seu estilo tornam impossível surgir uma “interpretação original” de sua doutrina, que pretenda reformar a interpretação consagrada. Por isso, se a exposição sobre Schopenhauer for algo mais que mera informação, se ela buscar o conteúdo da doutrina, será preciso estabelecer criticamente as suas relações com fatos da cultura e do espírito, com padrões de conhecimento e valores éticos.

A mera interpretação lógica, que não é necessária quando se trata de Schopenhauer, é impossível quando se trata de Nietzsche. Quando a linguagem poética deste último é reduzida à aridez da ciência não só sua forma se modifica. Nesse caso, atribui-se às suas expressões um grau de abstração que elas não têm, tornando-as suscetíveis das mais diversas interpretações. Nietzsche oferece pouco para uma interpretação filosófica meramente expositiva,

enquanto Schopenhauer oferece demais. Por razões opostas, em vez de realizarmos uma exposição da filosofia de cada um, devemos apresentar uma filosofia sobre eles.

Este livro pretende ser fiel ao seu objeto e ajustar-se à sua intenção fundamental: oferecer uma contribuição à história geral do espírito e à compreensão do significado permanente dos dois filósofos. Sob esse ponto de vista, o essencial coincide com as personalidades dos pensadores. Isso não é evidente, muito menos quando tratamos de Schopenhauer e de Nietzsche. Ambos deixaram variadas considerações sobre problemas que não mantêm conexões necessárias – às vezes, nenhuma conexão – com o núcleo do seu pensamento. Entre essas considerações, em tese, poderia estar o que é mais valioso na obra deles. Em muitos autores, passagens secundárias, do ponto de vista subjetivo, terminaram por se mostrar as mais importantes e mais fecundas. No caso dos nossos dois filósofos as coisas se passam de outro modo: os poucos motivos condutores de Schopenhauer e de Nietzsche, os aspectos centrais das suas filosofias, também são o que neles há de objetivamente mais valioso, o que é perene. Minha exposição só destaca esse núcleo profundo, eliminando justamente o que tantas vezes provoca entusiasmo. Schopenhauer e Nietzsche são igualmente paradoxais. Se Schopenhauer parece menos, isso é efeito do tempo e do costume. Os aspectos revolucionários, do ponto de vista da lógica ou da ética, são secundários no pensamento deles. As habilidades, antíteses e paradoxos de ambos são elementos decorativos, ou então ataques e defesas que dizem respeito às relações com outros autores. Nada disso toca nas profundezas de cada um, naquilo que, tendo sido produzido a partir de si, expressa um determinado tipo da alma humana.

O aspecto positivo de uma filosofia situa-se onde o núcleo dela, seu centro subjetivo, coincide com o centro de sua significação ob-

jetiva. Isso ocorre em qualquer filósofo original, pois – como Goethe diz a respeito de Schopenhauer – a resposta ao que é “objetivo” sai do interior dele e, mais ainda, do interior da humanidade. Assim se compreenderá que formulemos da seguinte maneira a ideia desta exposição: escrever sobre uma personalidade que interessa à história da cultura não significa contar sua vida. Conforme as especificações desse interesse, suprimem-se muitas coisas, realçam-se outras e – eis aí o essencial – reúne-se o restante em uma imagem unitária que não corresponde a um modelo imediato e real. Ao contrário, procedemos como no retrato artístico, procurando o lugar do objeto visto como um todo, oferecendo uma evocação ideal desse objeto, o sentido e a significação que lhe correspondem a partir de determinada finalidade expositiva. O problema consiste em escolher aquelas manifestações do filósofo que apresentam um pensamento firme, unitário e importante, abrindo mão dos elementos contraditórios e duvidosos. O desdobramento histórico sempre realiza essa separação, com posterior reunião, de um complexo de pensamentos que compõem um todo. Assim se forma a imagem de um filósofo. Ela não contém todas as flutuações meramente psíquicas, todo o vaivém do pensamento que rodeia aquela série coerente e às vezes a contradiz. Ao escolher o método, o expositor precisa antecipar esse processo, que se cumpre na influência histórica do filósofo. Aplicado à história da filosofia, tal procedimento consente em abrir mão das “contradições”, ou seja, das manifestações que contrastam com os pensamentos essenciais do filósofo. Às vezes um pensador vacila entre idéias que se excluem, ou mesmo faz um amálgama delas. Isso pode depor contra ele como personalidade psíquica, ou contra sua capacidade autocrítica. Mas nada diz contra o fato de que uma dessas séries de pensamentos possa ser verdadeira ou pelo menos importante.